

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49

Proprietario e director

LISBOA

Editor

Michel'angelo Lambertini

Typ.do Annuario Commercial — C. da Gloria, 8

Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO: — Real Centro Filarmonico Cordobés E. Lucena. — Theatro de S. Carlos. — Nomenclatura musical. — Concertos. — Cabrera e Manuel Menendez. — Criticas litterarias. — Noticiario. — Necrologia.

Real Centro Filarmónico Cordobés E. Lucena

Em meados do seculo passado, um obscuro torneiro, um homem do povo, para quem a musica e a poesia constituíam um apaixonado culto, apesar de só as conhecer por instincto e por intuição, propoz-se a estabelecer em Hespanha a primeira sociedade coral com o intuito não sómente de facultar uma ligeira educação musical ao povo, mas sobretudo de lhe mórigerar os costumes e de lhe proporcionar um repouso sadio e bom das fadigas de cada dia.

Chamava-se *Clavé* esse musico poeta, esse benemerito propagandista da arte popular, esse espirito que apesar da humildade do nascimento soube ser tão elevado e tão culto.

Nos paizes mais adeantados da Europa, já a esse tempo se tinham desenvolvido as sociedades coraes, baseadas no elemento popular.

Zelter, em Berlim, creou em 1809, com os discipulos da *Singakademie*, uma das primeiras, senao a primeira sociedade orpheonica. As de Leipzig e de Francfort fundaram-se em 1819.

Em França foi Wilhem o denodado campeão da arte coral. Desde 1818 que, por sua iniciativa, se organisára nas escolas de Paris o ensino do canto colectivo que por lei de 1832 se tornou obrigatorio em todas as aulas primarias da França. E um anno depois, com um methodo novo a que ligou o seu nome, poudo Wilhem apresentar um conjunto numerosissimo de orpheonistas e demonstrar os optimos resultados que lograra do seu ensino e da sua pertinaz propaganda.

D'ahi nasceram, em 1835, as associações coraes de operarios, que tomaram, especialmente nos centros fabris, um notavel desenvolvimento e se traduziram para a hygiene moral do povo em um incalculavel beneficio.

Gounod, Bazin, Padeloup, Dannhauser e outros grandes mestres da França não desdenharam pôr se á testa d'essas legiões de operarios-cantores.

Mas vejamos o que se passava entretanto em Hespanha e estudemos um momento a personalidade tão sympathica e tão suggestiva do popular *Clavé*.

José Anselmo *Clavé y Camps*, o inspirado cantor do povo, o ardente trovador das glorias e das tradições catalãs, nasceu em 1824 em Barcelona.

Dotou a Catalunha com inumeras sociedades orpheonicas, para as quaes escreveu lindos côros (letra e musica), constituindo estes a mais pura expressão dos cantos e cos-



EDUARDO LUCENA — Fundador do Centro



Real Centro Filarmónico Cordobés E. Lucena

tumes populares do antigo principado. Com as canções do povo forjou elle as suas melhores phantasias e transformadas no cadinho do seu genio, restituiu-as ao povo na melodia das suas coplas, no bulicio das suas danças e na nota bellica dos seus hymnos.

São 161 as obras que produziu e quasi todas para conjuntos coraes.

Mas não se limitava á composição o exercicio da sua actividade; o seu grande enthusiasmo levava-o a propagar a instituição coral por todos os meios ao seu alcance. Attrahia a si milhares de coristas, convenientemente adextrados e providos das respectivas insignias e estandartes, reunia-os em grandes festivaes, que muitas vezes elle proprio costeava, levava-os em excursões para além dos Pyreneus e para além dos mares, lançava mão em summa de todos os procedimentos que pudessem concorrer para a victoria da sua ideia e para a definitiva introdução dos còros populares na sua querida Hespanha.

Morreu por fim (em 1874) e a Hespanha agradece a levantou-lhe, na propria terra que lhe foi berço, um singelo monumento, que acima de tudo exprime a comprehensão e a consagração dos altos beneficios que a propaganda de Clavé levou a todos os centros populares do paiz.

Effectivamente a ideia tão altruista e tão generosa do cantor-poeta, fructificou e alastrou-se por toda a Hespanha.

Não tardou que as outras provincias do vi-



JOSÉ GARCIA MARTINEZ — Presidente



CIPRIANO RUKER — Vice-presidente



JOSE MOLINA LEON — Director artistico

sinho reino, seguindo o exemplo da Catalunha porfiassem na organização de còros e de estudantinas, que ao cabo de poucos annos constituíam em todo o paiz uma verdadeira legião de trovadores, promptos a secundar com todas as suas forças e com toda a sua boa vontade o movimento orpheonico iniciado por Clavé.

Em Cordova, foi o popular compositor Eduardo Lucena quem tomou a iniciativa de uma instituição d'essa natureza e foi graças aos seus esforços que o pri-

mitivo *Centro Filarmonico* conseguiu crear raizes na formosa cidade andaluza.

Foi numeroso o pessoal que Eduardo Lucena conseguiu reunir em volta de si e a estudantina orpheonica de Cordova tornou-se ao cabo de pouco uma das primeiras e das mais entusiasticamente acclamadas em toda a parte onde concorria.

A morte de Eduardo Lucena foi tambem a ruina da sociedade por elle fundada: cahiram os enthusiasmos, afrouxaram os trabalhos e por fim dispersaram os cantores.

Só alguns annos depois é que se reacendeu o rasilho apagado pelo fallecimento de Eduardo Lucena. A feira tradicional de Cordova annunciava entre os seus mais pomposos numeros a exhibição dos *còros Clavé* de Barcelona, federação musical da mais alta importancia que conta hoje um verdadeiro exercito de cantores, recrutados em toda a provincia catalã.

Movidos por um estímulo que facilmente se comprehende, os influentes do antigo *Centro Filarmónico* resolveram então recommençar os seus trabalhos e reconstituir a todo o custo a antiga sociedade, perpetuando no emblema social o nome do seu fundador, o bemquisto e esforçado Lucena.

O alcaide de Cordova, D. José Garcia Martinez, espirito aberto a todos os progressos e amator strenuo da arte musical, assumiu a presidencia do novo Centro. Seus mentores artisticos foram Cipriano Martinez Ruker, compositor fecundo e de musa facil e inspirada que enriqueceu o repertorio da sociedade com verdadeiros primores de arte popular e José Molina Léon, o actual director do grupo, que desenvolve uma actividade febril para que os seus musicos, que na sua quasi totalidade *não são musicos*, possam manter illesa em todas as circumstancias a reputação já de ha muito conquistada pelo *Centro Filarmónico Cordobés*.

Pelo Carnaval do anno passado, a presidencia dos festejos de Madrid abriu um grande concurso de estudantinas e o já notavel Centro cordovés julgou que podia ir concorrer sem receio com os melhores grupos similares da Hespanha.

E julgou bem, porque após uma série de concertos effectuados com grande luzimento na capital hespanhola, e em seguida ao grande certamen realisado no passeio do Prado, em presença de Affonso XIII e da côrte, obteve o primeiro premio por aclamação unanime.

Em 14 de fevereiro e a convite do monarcha, faziam-se ouvir os orpheonistas e tunos de Cordova nas aristocraticas salas do Palacio Real. O exito do concerto popular, que se realisou no famoso salão Gasparini, excedeu toda a expectativa e calou por tal forma no espirito do joven rei hespanhol, que se dignou conferir expontaneamente o titulo de *Real* ao alegre bando de trovadores cordovezes.

Seria delongar demasiadamente as proporções d'este artigo, que já vae tão longo, se quizessemos promenorisar todos os convites que o *Centro Filarmónico* tem recebido e as festas em que tem collaborado. Os presentes que tem recebido são innumeros e ainda ultimamente a Marquiza de Esquilache, nobre senhora andaluza, lhes offertou uma riquissima batuta de ebano, com ponteiros de ouro, encimada por uma corôa de brilhantes e outras gemmas.

Sobre a interpretação e trabalho artistico dos valentes orpheonistas e tunos do *Centro Filarmónico* de Cordova, não antecipemos os juizos. Vamos ouvil-os em breve, pois para breve se annuncia um unico concerto que vem dar ao theatro D. Amelia e então poderemos dizer se nos parece justificada ou não a consideravel fama de que vem precedidos.



A nossa ultima chronica de S. Carlos tinha a data de 13 do corrente. Pois na noite d'esse dia foi cantado no theatro lyrico o *D. Carlos*, de Verdi, e é com o maior prazer que temos de nos referir a dois distinctos artistas, que tomaram parte no desempenho d'aquella opera: a soprano sr.^a Bianchini Cappelli e o barytono Mario Ancona.

Quando a decadencia da arte de canto parece ter attingido o seu auge é consolador deparar uma ou outra vez com artistas que fazem resurgir em nós a esperanza de melhores épocas. O *D. Carlos* teria sido superiormente cantado se ao lado d'aquelles artistas fosse possivel reunir outros de igual quilate para completar o quintetto. Não teriam de ser supprimidos trechos importantes da opera, como o duetto de barytono e baixo do

final do 2.^o acto. Não seriam ouvidos com um tal ou qual desagrado os duettos do tenor com a soprano ou com o barytono, a aria de meio soprano, etc.

Bem sabemos que não é simplesmente no nosso theatro lyrico que se dá o deploravel facto de não ser possivel congregar um bom quartetto ou quintetto de cantores, tal é a sua raridade por toda a parte. Já o dissemos no nosso anterior artigo: a decadencia do theatro lyrico é geral. Chegam-nos de vez em quando do estrangeiro echos de applausos e de elogios feitos a artistas que no nosso theatro pelos velhos *dilettanti* não foram avaliados acima de mediocridades. Ou a prática, a escola *empirica*, fez d'elles cantores supportaveis, ou aquella mediocridade, á falta de melhor, subiu muito de valor.

E subiu. Esta é a grande verdade.

Por isso repetimos: é consolador ouvir a sr.^a Cappelli cantar no *D. Carlos* a romança de despedida á condessa d'Aremberg, *Non pianger, mia compagna*. Satisfiez-nos o modo como o barytono Mario Ancona disse a ro-

mança do segundo acto e a sua aria final. E a outros trechos nos referiríamos, se não tivessem sido prejudicados pelos artistas compartes.

E' claro que em todas estas indicações nos referimos á divisão original da partitura de Verdi. Em S. Carlos o 2.º acto passou á ser o 1.º, visto que este foi completamente suprimido.

E' na opera antiga que aquelles dois illustres cantores mostram quanto valem. Qualquer d'elles se encontra deslocado no drama lyrico e só a necessidade de ter um vasto repertorio por certo os forçará a tomar parte no desempenho da *Tosca* e de outras partituras modernas, em que os seus magníficos dotes vocaes são sempre sacrificados.

Na noite de 16 foi cantado o *Werther* de Massenet. No seu desempenho tomaram parte tres artistas a quem temos de nos referir em especial: a soprano sr.ª Maria Boyer, o tenor Borgatti e o barytono D'Albore.

A sr.ª Boyer tinha debutado no dia 8 do corrente na *Griselda* e muito propositadamente a ella nos não referimos na nossa chronica passada. Eis a razão porque: a sr.ª Boyer não nos pareceu muito á vontade na *Griselda*, apesar de ser franceza de nacionalidade, de ter sido educada na escola parisiense de canto, pela qual temos subida consideração, e de ter debutado n'uma partitura escripta por um compatriota seu. Se o estylo de canto nos mostrava á evidencia a procedencia da escola, á sua voz faltavam qualidades que, sem attribuirmos a ausencia d'ellas á commoção da estreia, ainda assim nos puzeram de sobreaviso e nos levaram a não querer ser precipitados no juizo que da artista fizessemos. E no *Werther* a sr.ª Boyer não foi mais feliz.

O tenor Borgatti era já nosso conhecido. Tinha debutado em S. Carlos em 20 de dezembro de 1901 no *Lohengrin*, que tambem cantou em 23 do corrente. E' um artista dramatico muito consciencioso, procurando no *Werther* ser o mais naturalista possivel. A sua voz, que nos parece agora menos maleavel e obediente, nem sempre é d'uma rigorosa afinação, o que prejudica muito o artista. Já á isto mesmo nos referimos na chronica musical de 31 de janeiro de 1902.

O sr. Borgatti passa no estrangeiro por ser um cantor que com afinco se tem dedicado ao estudo das operas de Wagner. Já por este motivo foi o escolhido para cantar em S. Carlos os *Mestres cantores*, na época lyrica de 1901 a 1902. A interpretação dada agora pelo estudioso artista ao *racconto* do *Lohengrin* deixou por tal modo frios os frequentadores de S. Carlos que, se foi inspirada nos templos wagnerianos de Bayreuth

ou Munich, não nos parece a mais propria para agradar a temperamentos meridionaes.

Do barytono D'Albore já aqui falámos quando debutou na *Aida*. E' um artista novo com magníficos elementos para fazer uma carreira brilhante. Tanto na *Griselda*, em que o acrobatismo satânico lhe mereceu demasiada attenção, como no *Werther*, deu o sr. D'Albore provas do que acima dizemos.

Em condições identicas cantou em S. Carlos nas épocas lyricas de 1899 a 1900 e 1900 a 901 o barytono Giuseppe de Luca, que fez carreira e actualmente é muito cotado em Italia. O mesmo succedeu com a soprano sr.ª Giannina Russ, o tenor Giovanni Zenatello e outros cantores.

Qualquer d'estes artistas estudou em Lisboa algumas das operas em que tomou parte. Felizmente, quer pelos seus bons recursos vocaes, quer pela propria intelligencia, não comprometteram no seu conjuncto o desempenho d'essas operas.

Não succede assim com outros artistas em começo de carreira, que teem ultimamente entrado na composição dos elencos de S. Carlos.

Se o nosso theatro lyrico, pela falta de receita, só póde ter elencos organisados com novicos ou com estrellas no seu occaso, seria pelo menos conveniente que a taes cantores não faltasse o numero d'ensaios precisos para poderem decorar as melodias que teem de cantar.

Não querendo ser arguidos de exigentes, e não sabemos de que mais, com a devida venia transcrevemos as palavras d'um insuspeito e erudito critico, que n'um dos jornaes da manhã d'hoje fazia a sua benevola apreciação a respeito do que hontem se passou em S. Carlos com o *Fausto*, cantado em recita extraordinaria:

«Não se imagine por isto que a noite correu tempestuosa, mas sim n'uma calmaria que só se animou um pouco em honra de Terpsichore, quando o panno correu para o bailado da *Noite de Valpurgis*.

E tal era o amuo da platéa, que nem o barytono Ancona, que foi o mesmo distinctissimo artista que na época passada era applaudidissimo e até bisado na phrase da medalha no 4.º acto, conseguiu obter o minimo applauso. Foi levar um pouco longe a crueldade!

O tenor Schiavazzi parecia não estar bem seguro da opera, para cujo desempenho é inegavel que possui recursos de voz e meritos de cantor. Não disse mal a romança do 3.º acto, mas a certa altura, uma hesitação e um desencontro com a orchestra, prejudi-

cou-lhe o trabalho e furtou-lhe o ensejo aos applausos.» (1)

E quem sabe ler nas entrelinhas que complete a noticia como o que ficou na mente de quem a escreveu.

A transcripção d'aquellas linhas isenta-nos de falar do desempenho do *Fausto*.

Do que se passou com o *Macbeth* na noite de 24 do corrente apenas diremos que d'aqui enviamos á sr.^a Bianchini Cappelli sinceros sentimentos pela nefasta influencia que os seus collegas tiveram sobre o seu excellente trabalho.

E já que estamos em maré de sentidas expressões de condolencia, tambem, mau grado nosso, nos pesa não podermos dizer alguma coisa a respeito do desempenho da *Manon Lescaut*, que foi cantada em 21 do corrente, e da sr.^a Giacchetti, de quem temos as melhores referencias e que foi a protagonista da opera.

Não nos coube, porém, a felicidade de assistir áquella recita extraordinaria. Por certo na proxima futura chronica poderemos des-empenhar-nos do nosso dever.

26 de fevereiro.

E. L.



Nomenclatura musical

A proposito da introdução da palavra *violaria*, a que alludiamos no numero anterior, recebemos a seguinte carta a que muito gostosamente damos publicidade.

Meu caro e excellente amigo

Antes de tudo permita-se-me uma rectificação. Foi no Dictionario Illustrado da lingua portugueza do nosso erudito contemporaneo sr. D. Francisco d'Almeida — e não Domingos d'Almeida que existe o termo *violaria*.

Tem, porem, V. receio em adoptar este termo definitivamente por lhe parecer que elle possa antes significar *logar onde se cuide do commercio de violas* do que *arte de fabricar violas*. Estou a ver que V. o que pretende é estimular, provocar um estudo mais concreto sobre o assumpto. Pois acudo á subtil intenção e eis-me na brecha em defeza do vocabulo *violaria* como *arte do violeiro*.

Conhecemos o *luth* (alaude) desde o seculo VII. Os francezes chamaram *luthier* ao

fabricante de *luths* e *lutherie* á arte do *luthier*. O *alaude*, no decorrer dos tempos transformado em *viola*, deu para portuguezes ao fabricante de *violas* o nome de *violeiro*; declinando, pois, como os francezes, temos que a arte do *violeiro* não pode dizer-se senão *violaria*. Isto como historia e quanto a ella, porque voltando-nos para a lexicographia ha outras considerações a adduzir.

Por mal dos nossos peccados a nação portugueza é uma das poucas, entre as civilisadas—oh! numes, deixai-me chamar civilisada á minha patria!—que não possui um trabalho definitivo e serio da sua lingua tao rica e tão mal tratada.

Desde a primeira tentativa da nossa Academia até hoje, sempre tem sido malogradas as mais generosas e ousadas emprezas que, no louvavel empenho de dotar as letras com um dictionario auctorisado, a breve trecho se encontram desiludidas nas suas intenções e arruinadas nos seus capitães. Mas havemos de lá chegar!... Ora V. verá como de aqui a quatrocentos annos a nossa *Academia Real das Sciencias* nos alegrará com o primeiro fasciculo do dictionario em redacção... Não podendo, porem, esperar por essa lidima fonte, soccorramo-nos d'aquellas que o commercio nos tem podido offerecer de mais desenvolvidas. Essas — os dictionarios modernos mais cotados — são unanimes... *em não o serem* entre elles e entre si proprios.

Senão, vejamos o que elles dizem em vocabulos analogos.

Ourivesaria. — Arte de ourives.

Serralheria. — Arte de serralheiro.

Typographia. — Arte de imprensa.

Cutellaria. — Arte, obra de cutelleiro.

Armaria. — Arte ou sciencia heraldica — Deposito de armas.

Photographia. — Arte de fixar a imagem de qualquer objecto em uma chapa com o auxilio da luz. (1)

Lithographia. — Processo de estampar em papel. (2)

Relojoaria. — Arte de construir relógios. (3)

Alfaiateria. — Officina de alfaiate. (4)

Ferraria. — Rua ou bairro de ferreiros. Officina onde se prepara o ferro tirado das minas. (5)

(1) Com tal definição quasi se dispensam os tratados sobre photographia.

(2) Compare-se com photographia.

(3) Já não é *arte do relojoeiro*.

(4) Quem tiver paciencia que commente.

(5) Falta só dizer de que são as minas d'onde é extrahido este minerio.

(1) *Diario de Noticias*.

Caldeiraria. — Arruamento de officinas de caldeireiro. Lugar onde se faz muita bulha. (6)

Em todo o caso e não obstante a desafi-
nação d'estes significados, ve-se, mercê do
confronto com outras artes, que a do *vio-
leiro* se deve chamar *violaria*, como ouri-
ves, ourivesaria — typographo, typographia
— photographo, photographia, etc.

São, porem, estes, uns estudos apenas su-
perficiaes que offereço a quem mais abali-
sada e scientificamente quizer e tiver tempo
— que a mim me falta — para a elles se en-
tregar. E com isso muito folgará o que com
toda a consideração se confessa

De V.

Amigo e dedicado admirador.

S.

CONCERTOS

Não mencionamos no ultimo numero a
despedida do pequeno Miecio Horszowski,
que teve logar a 13 em um concerto que,
como os precedentes, foi assignalado pelo
melhor exito.

Foi unanime a impressão de assombro
que esta creança produziu entre nós e diffi-
cilmente se apagará a lembrança d'uma ge-
nialidade tão precoce, servida por condições
tão raras de musicalidade e de instincto.

O effeito produzido no Porto, onde o pe-
queno prodigio se exhibiu em 15 no theatro
do Principe Real, não desmereceu, antes con-
firmou, o exito de Lisboa.

As obras magnas do concerto portuense
eram um *Preludio e Fuga* de Bach, as *Scé-
nes d'enfant* de Schumann e as *32 variações*
de Beethoven.

Claro está que a technica do minuscuro ar-
tista deu logar a reparos tanto no Porto
como em Lisboa, e reparos que tem a sua
justificação natural na exiguidade d'aquellas
pequenas mãos e na falta do vigor que
não podia exigir-se em uma creança de 10
annos.

Basta o *doigté* falso que o pequeno ar-
tista se vê forçado a empregar para que a
technica resulte defeituosa e só supportavel
á custa de uma grande habilidade manual;
mas a maravilhosa intuição artistica que se

nota na execução do pequeno pianista é suf-
ficiente para servir muitas vezes de lição a
grandes e sobre tudo para nos convencer-
mos que n'aquella alma infantil ha mais al-
guma cousa do que o germen das grandes
aspirações e dos grandes ideias — ha desde
já a alma de um artista feito.



Com um programma muito variado e pri-
morosamente escolhido fez no dia 18 a pro-
ficiente leccionista de piano, a sr.^a D. Pal-
myra Baptista Mendes, uma interessante
apresentação das suas alumnas.

Não resistimos ao prazer de dar aqui os
nomes das gentis pianistas do futuro, que
tem desde já a fortuna de ter tão excellente
professora.

São as meninas Maria Rosado, Isabel Sou-
sa, Maria de Lourdes Baptista Mendes, Anna
Barros, Maria Bastos, Regina Ribeiro, Maria
Ribeiro, Hortense Fernandes, Mercedes Mas-
son, Amelia Serra, Maria Serra, Helena Car-
neiro, Rosa Fernandes, Maria Ferreira, Ma-
ria Bon de Sousa, Eugenia Cardoso, Maria
Castanheira d'Almeida e Sophia Pereira.

Pena temos que a estreiteza do espaço nos
não consinta transcrever tambem o nome
das peças executadas, para se avaliar da
optima orientação que preside ao ensino
d'esta illustre e considerada mestra, que re-
putamos, sem favor nem lisonja, um dos
melhores ornamentos da nossa leccionação
pianistica.



Deliciosa matinée no dia 19 em casa de
Madame Alfredo Bensaúde, para despedida
das duas insignes *virtuose* M.^{elles} Gabriella
Jardim e Christina Mouchet.

O programma, dos mais interessantes foi
rigorosamente cumprido. M.^{elle} Jardim can-
tou primorosamente varios trechos de Bee-
thoven, Grieg, Gounod, Fauré e duas ro-
manzas em inglez composições de Miss
Grace Mellor que as acompanhou. M.^{elle}
Mouchet tocou com toda a maestria, uma
difficilima sonata de Beethoven, e a Ber-
ceuse e Tarentelle de Chopin.

Ainda abrilhantaram o concerto os talen-
tosos amadores Srs. Antonio Joyce e Castro
Freire que encantaram o auditorio com a
execução d'uma sonata de Grieg.

M.^{elles} Mouchet e Jardim partiram já para
a Madeira e Açores onde vão realizar al-
guns concertos, sendo interessante registrar
que são as duas primeiras artistas portu-
guezas educadas aqui que se dedicam á car-
reira de concertistas.

(6) Verbi-gratia o theatro de S. Carlos.

Em 19 realisou tambem a *Sociedade de Musica de Camara* o seu quarto concerto d'esta época com as seguintes obras:—*Quarteto*, op. 41, n.º 1 de Schumann pelos srs. Benetó, Ivo da Cunha e Silva, Lamas e Menezes: *Sonata*, op. 12, n.º 1 de Beethoven pela sr.ª D. Adelia Heinz e Cecil Mackee: *Quarteto*, op. 2 de Mendelssohn pela sr.ª D. Adelia Heinz e srs. Benetó, Lamas e Menezes.



A segunda sessão de sonatas que Bernardo Moreira de Sá se propoz a apresentar periodicamente no Porto teve lugar em 23 do corrente.

A escolha recahiu d'esta vez sobre as *sonatas* de Mozart (em si bemol), Beethoven (op. 12 numero 2) e Grieg (op. 45) e os executantes foram os mesmos que na primeira sessão, D. Leonilda Moreira de Sá, Luiz Costa e o proprio mestre, a quem incumbiu a parte de violino nas tres obras.

Faz falta em Lisboa este genero de audições, que quando circumscripitas a um limitado auditorio, a um pequeno nucleo de amadores estudiosos e attentos que saibam e queiram escutar como se deve, são sempre um bello estímulo e uma proveitosissima lição.

Infelizmente, por cá vae-se pensando mais em fazer dinheiro que em fazer arte! E como não é facil fazer as duas cousas ao mesmo tempo...



O resto da quinzena foi quasi totalmente preenchido pelos concertos da violinista Stefi Geyer e pianista Oscar Dienzl.

Tres em Lisboa, a 20, 22 e 26, e tres em Coimbra, a 23, 25 e 28.

E' simplesmente encantadora esta pequena Stefi e surprehende-nos logo aos primeiros compassos com uma pujança de som e com um desembaraço tão viril, que mal se poderiam prevêr em tão fragil e delicada creaturinha.

Toca com grande emphase e colorido muito brilhante, o que ás vezes a prejudica: para não citar mais que um exemplo, bastará dizer que nas suas pequeninas mãos nervosas a *Aria* de Bach, tao elevada e grandiosa, perde muito da sua grave e magestosa serenidade. Mas essas qualidades, que a servem mal no desempenho das obras que requirem uma emoção calma e recolhida, são-lhe valioso auxiliar em muitas outras e nomeadamente nos seus cantos nacionaes que diz com uma fuga e um *entrain* verdadeiramente adoraveis.

Tem bellos dotes de virtuosismo. Logo

no primeiro numero que executou, n'esse enfadonho *Concerto* de Tschaikowski que Julio Cardona nos fez conhecer ha quasi um anno e com o qual não desejaríamos reatar relações, se puzeram em evidencia esses dotes e se deixou o publico começar a conquistar e enlevar.

E essa conquista e esse enlevo mantiveram-se firmes em todas as audições da formosa violinista, apezar da eterna mania dos confrontos e das exigencias disparatadas de certos entendidos.

Pois que querem? Ha um só Ysaye, ha um só Kubelik. Como querem que uma criança, que ha apenas um anno se apresenta em publico, possa equiparar-se áquelles colossos?

O que Stefi Geyer executa é já admiravel em tão tenra idade e um temperamento tão vibratil a par de tantas outras qualidades de verdadeira artista em que se distingue a jo ven hungara, não são vulgaridades que se encontram por ahi a cada canto.

Na sua arte ha já valiosissimos recursos de technica, ha qualidades de sonoridade perfeitamente excepcionaes e ha, *par dessus le marché*, uma relativa pureza de estylo em muitas das obras que executa.

Será licito exigir mais?...

Quanto ao pianista Oscar Dienzl apreciá-mol-o como acompanhador de grande sobriedade, solista sufficientemente correcto e intelligente e principalmente compositor de alta valia, que já de ha muito conhecíamos.



No Atheneu Commercial do Porto, realisou-se em 25 um esplendido concerto.

O programma foi o seguinte:

1.ª parte. N.º 1 — Grieg, *Danse Norwegienne*, por Caggiani, Quilez e Blanco. N.º 2 — Quaranta, *O Ma charmante!* por Bensaude. N.º 3 — Dunkler, *Caprice Hongrois*, por Quilez. N.º 4 — Romanza, por Mlle. Vecla. N.º 5 — Guerra Junqueiro, *Oração á Luz*, por D. Emilia Eduarda. N.º 6 — Romanza, por Mieli. N.º 7 — Liszt, *Rapsodie hongroise*, para piano, por Blanco. N.º 8 — Romanza, por Mme. Carelli.

2.ª parte. N.º 9 — Arbós, *Seguidillas gitanas*, por Caggiani, Quilez e Blanco. N.º 10 — Romanza, por Mieli. N.º 11 — Godard, *Concerto romantico*, para violino, por Gaggiani. N.º 12 — Schumann, *Les deux grenadiers*, por Bensaude. N.º 13 — *O estudante*, versos por D. Emilia Eduarda. N.º 14 — Romanza, por Mlle. Vecla. N.º 15 — Romanza, por Mme. Carelli. N.º 16 — Michiels, *Parisi Çaradas*, por Caggiani, Quilez e Blanco.

Ao piano o maestro Francisco Roncagli e Blanco.



Em 26 realisou-se na casa do professor Rey Colaço um interessantissimo concurso para a execução de duas obras de piano: *Au soir* de Schumann e *Scherzo* de Brahms.

Constavam os premios de 7 volumes das obras de Schumann, Mendelssohn e outros auctores e foram gentilmente offerecidos pelo distincto amator e nosso amigo sr. Dr. João D'Korth.

Concorreram varios alumnos do curso superior de piano do Conservatorio cabendo o primeiro premio a D. Felicidade Pereira, o segundo a D. Laura Croner, o terceiro ao sr. Angelo Barata e o quarto, uma esplendida photographia do mestre a D. Maria Costa.

Todos os concorrentes se houveram com muita proficiencia pelo que o auditorio lhes conferiu os mais justificados applausos.

Compunham o jury mademoiselles Beatriz Corrêa e Freire e madame Virginia Baptista, discipulas do distincto professor, e os srs. Antonio Arroyo e Marcos Garin.



Tambem em 26 teve lugar no Porto uma interessantissima audição de discipulos do notavel professor de piano e canto, commendador Francisco Roncagli.

Segundo informações dos jornaes da capital do norte, foi primorosa essa audição, sendo muito ovacionados todos os executantes e o organisador de tão sympathica festa.



Do bello concerto da professora D. Adeline Rosenstok, que tão brilhante se prepara, nada podemos por agora dizer por já estar no prelo a nossa revista á data do concerto.



Cabrera e Manuel Menendez

No momento em que as duas pequenas partituras franqueam as portas do nosso theatro de S. Carlos, é de indiscutivel oportunidade referirmo-nos mais largamente a ellas e ás circumstancias que revestiram o seu apparecimento no mundo lyrico.

E' geralmente sabido que o activo e intelligente editor milanez Eduardo Sonzogno

abriu um grande concurso internacional, com o premio, verdadeiramente appetitoso, de 50:000 francos para a melhor partitura em um acto que lhe fosse apresentada.

Appareceram nada menos de 237 concorrentes e o jury encarregado de estudar e analysar essa montanha de colcheias e fusas, jury composto de auctoridades artisticas como Massenet, Humperdinck, Breton, Campanini, Blockx, Hameric, Ciléa e Galli, resolveu extremar de tão revoltoso *mare magnum* os tres melhores *spartiti* e fazendo-os executar publicamente no theatro lyrico de Milão, dar por fim a palma ao que melhores suffragios obtivesse.

Recahiu a selecção na *Cabrera* de Gabriel Dupont, no *Manuel Menendez* de Lorenzo Filiasi e no *Dominó azzurro*, de Franco da Venezia.

Demos agora a palavra ao proprio jury, cujo relatorio se expressa nos seguintes termos:

«Depois da audição repetida das tres partituras no theatro lyrico de Milão, o jury do concurso Sonzogno encontrou-se em presença de duas obras de comprovado valor, a *Cabrera* de Dupont e *Manuel Menendez*, de Filiasi.

Reconheceu na primeira todas as qualidades exigidas no programma do concurso, isto é, merecimento do libretto, musica escripta com grande simplicidade de meios e correspondendo ao mesmo tempo aos processos musicaes da actualidade, sem prejuizo de seguro effeito scenico sobre o publico.

Na segunda o libretto parece-lhe menos valioso, no tocante á verosimilhança e interesse da acção, e a musica, apesar de revelar riqueza da veia melodica, um fervor juvenil e um vivo sentimento da *theatralidade* não offerece a unidade e sapiencia de factura que distingue a primeira.

Os dois jovens artistas apresentam character dissemelhante, filiado nas escolas dos seus respectivos paizes: mas, ao passo que Dupont incarna o movimento musical do nosso tempo, Filiasi nem sempre logra isentar o seu espirito das reminiscencias do passado.

Quanto á terceira obra, *Il Dominó azzurro* o jury aprecia-lhe a elegancia da forma, mas não lhe encontra as condições proprias para a musica theatral, conforme ás exigencias do concurso.

Estabelecido isto, o jury, por unanimidade dos membros presentes (1) felicita o

(1) Por motivos varios não puderam assistir Massenet, Breton e Campanini

maestro Filiasi pela sua partitura, onde se encontram varios numeros que revelam o talento do verdadeiro operista e proclamam o maestro Dupont vencedor do premio unico e indivisivel.

Milão, 20 de maio de 1904.»



A acção do tocante dramasinho de amor que constitue o assumpto da *Cabrera*, passa-se em Hespanha, não longe de S. Sebastian.

Amalia, uma orphã de admiravel formosura, tinha jurado fidelidade a Pedrito. E' a cabreira da aldeia, a que vae conduzir o rebanho á pastagem enquanto os homens andam na faina da pesca.

Pedrito teve de partir para a guerra de Cuba; durante a sua ausencia, a pobre cabreira, só e sem defesa, é seduzida e depois abandonada por Juan Cheppa, o filho do maioral.

A volta de Pedrito, são e salvo das contingencias e perigos da guerra, é para este uma grande alegria e apertando a sua Amalia de encontro ao peito diz-lhe que vae finalmente ser sua mulher...

Amalia cae-lhe aos pés, e confessa-lhe a desgraça succedida, ficando Pedrito como doido e fugindo, depois de a ter repellido com horror.

A musica que tinha sido d'um encantador bucolismo desde o principio, aquece gradualmente durante o colloquio dos dois amantes e penetra intima e fundamente nos sentimentos que se desenrolam n'aquellas duas almas e as despedaçam por fim violentamente.

Emquanto Pedrito foge e a cabreira fica de joelhos n'um choro silencioso, ouvem-se do lado do mar os cantos dos pescadores.

Depois Amalia levanta-se, entra na sua cabana, toma o seu filho, o filho do perfido Cheppa, e depois de ter saudado a sua pobre morada e a igreja, parte tambem ella. Para onde?... ao acaso e sem destino, a esconder a sua vergonha e chorar o seu infortunio.

O motivo orchestral que acompanha esta scena muda é uma verdadeira obra prima.

Na segunda parte, pois que em duas partes se divide a peça, Pedrito tenta afogar no vinho a sua grande dôr.

Uma disputa com Juan Cheppa rompe, em uma scena vigorosa e quente, a tinta sentimental do conjuncto.

E quando Pedrito vae entrar na taberna, apoz essa disputa, vê chegar de novo a cabreira meia morta de fome, de fadiga e de miseria.

A creança morrerá de frio.

Tocado por indizivel compaixão e sentindo reviver o antigo amor, Pedrito recebe-a nos braços, enche-a de caricias e perdoalhe. Mas a pobre Amalia não pode suppor tão grande alegria e morre.

Durante esta scena final, ouve-se um pequeno côro religioso e o som d'um sino ao longe. A emoção é vivissima e a musica, com uma simplicidade admiravel, sem confusão de instrumentos e sem a emphase habitual nos desenlaces tragicos, traduz genialmente esta situação tão commovente.

Sob o ponto de vista technico, a *Cabrera* de Dupont prova um serio e profundo conhecimento de tudo o que a arte moderna pode fornecer como meio expressivo e além d'isso um verdadeiro temperamento dramatico e um gosto que visa unica e succintamente a responder ás exigencias da poesia e do drama.

E não se pode dizer o mesmo da maior parte das produções modernas!



O libretto do *Manuel Menendez* é inspirado na novella de Edmundo de Amicis, que tem o mesmo titulo.

O protagonista, perfeito typo de meridional, impetuoso e apaixonado, exuberante de vida e de força, coração grande e espada prompta, ama Fermina, florista de Sevilha, onde a scena se passa nos primordios do século xvii.

Tão formosa como esquiva, a bella florista faz o desespero de todos os galanteadores da cidade e a todos prefere o seu Menendez.

Mas alguns estudantes projectam vingar-se do desprezo com que são olhados e escrevem um bilhete a Menendez, dizendo que Fermina o atraiçoa.

Em uma das primeiras scenas da peça, Hermogenes, amigo de Manuel Menendez, vem contar á florista o recontro havido entre este e quatro sequazes do Conde, que tiveram por fim de ceder-lhe o passo.

A appareição de Menendez em scena já é sob o malefico influxo da duvida e da suspeita e uma cigana (Mariquita) prophetisando-lhe que o seu ultimo amor lhe custará sangue, ainda mais lhe anuvia o espirito lançando-lhe um

... *turbine di tristi presentimenti*

O dialogo entre os namorados resente-se d'esse mal-estar.

Fermina é orgulhosa, não admitte que a suspeitem.

*Gioco non è, Menendez
di Fermina l'amore;
Fermina, credi, perdonar non sa!*



VIII

Como a *Grisélidis* era conhecida em Portugal no século xvi.

Em um monologo muito movimentado que se segue, e em que os mais oppostos sentimentos se entrechocam, deixa-se por fim Menendez abater por um surdo desespero e cae sobre um cadeira, extenuado e absorto.

Mas os estudantes não abandonam ainda a sua vingança, e escondidos entre as arvores do fundo, formulam a accusação de Fermina em termos mais precisos.

*Fermina ti tradisce...
É l'amante del Conte!...*

N'um impeto de colera, o transviado amante arranca a taboleta de uma locanda proxima e suspende-a na porta da florista, depois de lhe ter escripto em grandes letras:

Fermina è cortigiana che si vende!

O ignominioso letreiro produz o seu effeito. A populaça indigna-se e vendo voltar Fermina todos a cercam e amparam na dolorosa scena que segue.

A orgulhosa joven, passado o primeiro momento de vergonha e dôr, amaldiçoa aquelle amor funesto e recusa-se terminantemente a ouvir qualquer palavra de conciliação.

Em vão o louco Menendez supplica e implora a piedade da sua amada.

Fermina non perdona!

Appellos os mais fervorosos, invocações de todo um passado de amor, cousa alguma consegue demover a joven, mortalmente ferida no seu orgulho de mulher honesta.

Então Manuel Menendez foge para sua casa, entregue ao mais cruel desespero, para reapparecer mais tarde com a mão direita decepada.

*La mano che segnò l'infame accusa,
Io l'ho troncata...*

Em presença de tão corajoso e dramatico desenlace todos o rodeam carinhosamente e Fermina perdôa.

Tendo-se cantado ultimamente em S. Carlos a opera *Grisélidis* do grande compositor francez Massenet, vem a proposito dizer algumas palavras sobre a lenda, que com grandes modificações, a vamos encontrar entre nós, nas leituras chamadas de *cordel*, tão apreciadas pelo povo.

Grisélidis, Grisla, Griselda ou Grizelia é uma lenda, que tem sido explorada em varias litteraturas; assim vemos que Marie de France fez o seu *Lai du Frêne*, Boccacio aproveita-se d'ella no seu *Décameron*, Petrarca conta-a em latim, Perrault, escreve um dos seus contos sobre este assumpto.

No mundo musical não foi só Massenet que se inspirou n'esta lenda; entre as varias composições contam-se as seguintes, com o nome de *Griselda*: 17 operas com musica dos compositores Pallarolo (1701), Chelleri (1707), Cappelli (1710), Predieri (1711), Orlandini (1720), Scarlatti (1721), Bononcini (1722), Conti (1725), Caldara (1725), Albinoni (1728), Vivaldi (1735), Latilla (1747), Piccinni (1793), Paër (1796), Frederico Ricci (1847), Scarano (1878), Cottrau (1890).

Por esta longa lista vê-se que o assumpto despertou nos compositores um certo interesse.

Ora as *Notte piacevoli* de Straparola foram conhecidas em Portugal pela sua traducção em portuguez, devido ao trabalho de Gonçalo Fernandes Trancoso, e é na collecção de Straparola que vem o conto de *Grisélidis*; e assim como Boccacio escreveu o seu *Decameron*, durante a peste de Florença, Trancoso escreveu os seus Contos durante a conhecida *Peste grande*, de Lisboa, em que Trancoso perdeu a mulher e as filhas. Estes contos tiveram muita venda, e por isso não admira que a lenda de *Grisélidis* fosse conhecida do povo de então.

Como se vae ver do conto, não entra o elemento *Demonio*, os filhos de Griselia são mandados roubar pelo proprio marquez. Pouco mais ou menos o conto diz assim:

«Para os lados de Italia, em uma região alegre e deleitosa, povoada de villas e logares, vivia um mancebo chamado Valtero, um excellente marquez. Costumava ir muitas vezes á caça, vendo algumas vezes Griselia, uma triste pastora que vivia com seu pae em um logarejo. Era uma rapariga formosa,

nobres sentimentos e pensando sómente no trabalho. O marquez, reconhecendo em Griselia, uma mulher de tão boas qualidades, pensou logo em a tomar como sua esposa. Mandou fazer vestidos muito ricos, escolheu magnificas joias, etc. No dia das bôdas, o paço estava cheio de um grande numero de convidados. O marquez vendo que tudo estava prompto, acompanhado de seis cavalleiros foi a casa do pae de Griselia e disse-lhe:

— Como sabes, sou teu senhor, quererás dar-me a mão de tua filha?

— Grande honra é para mim, senhor!

— Tenho necessidade de fazer algumas perguntas a tua filha Griselia.

Quando o marquez esteve só com Griselia disse-lhe:

— O nosso casamento far se-ha logo, mas antes quero ouvir da tua bocca se estás disposta a soffrer tudo que eu quizer fazer de ti.

— Tudo soffrerei, senhor, ainda que por isso haja de receber mil mortes.

O marquez, ouvindo estas sentidas palavras, tomou-a pela mão, e entregando-a aos seis cavalleiros, disse-lhes:

— Amigos, esta é a minha mulher e senhora nossa.

Os cavalleiros com os chapéus nas mãos se ajoelharam e beijaram-lhe a mão. Depois o marquez, ordenou que a levassem para o palacio, que fosse despida dos seus trajos pobres, e vestida com fatos ricos que o marquez tinha mandado fazer. Depois o marquez dando-lhe o anel de desposada tomou-a pela mão, e assim casaram, havendo n'esse dia grandes festas e prazeres.

Passam-se tempos e Griselia deu á luz u na filha muito formosa, o que causou grande contentamento ao marquez. Este, para avaliar a constancia de sua mulher, combinou com alguém do paço que lhe roubasse a creança, e lhe posesse ao lado da cama, uma creança morta qualquer, vestida com os fatos da filha.

Depois o marquez ordenou que levassem a filha a el-rei da Polonia para que a educasse e ficasse tão secreta que ninguém soubesse d'ella. Dias e dias passou a pobre Griselia a chorar pela filha. D'ali a quatro ou cinco dias, o marquez foi ter com a marquez e disse-lhe:

— Os meus vassallos não estão contentes por eu ser casado com uma mulher de tão baixa geração, e como eu os quero ver contentes, desejava que fosses para casa de teu pae.

— Ainda tenho bem gravado no coração o que prometti quando dei a palavra de ser tua esposa.

-- Bom, bom, não fallemos mais sobre este assumpto até ver o que os vassallos fazem.

São passados doze annos. Griselia deu á luz um filho que era o seu unico enlevo. Mais uma vez o marquez, quiz ver até que ponto era a sua constancia. Organizou-se uma caçada; Griselia tambem foi com o filho. Como fosse um dia de muito calor, o marquez ordenou que fosse servido o jantar junto de uma fonte.

O marquez, disse então ao seu secretario que fizesse todo o possivel para roubar a creança a Griselia; assim foi, como o pequeno se retirasse um pouco da mãe, a brincar com umas pedras, foi logo roubado, e levado para a côrte do rei da Polonia, para junto de sua irmã.

A desgraçada Griselia quando deu pela falta do filho, toda debulhada em lagrimas, cortava a alma de dôr, julgando que seria alguma fêra que o tivesse comido. O marquez fingindo muito bem uma grande dôr, não comeu nem bebeu e partiu logo para a cidade. Passados alguns dias veio ter com Griselia e disse-lhe:

— Foi uma grande desgraça ter casado contigo, tenho perdido assim dois herdeiros dos meus estados. e os meus vassallos me aconselham que te devo mandar para junto de teu pae, e que me case com uma donzella que dizem ser filha do rei da Polonia.

— Sempre pensei que não era mulher para uma pessoa tao altamente collocada, estarei prompta para servir como serva a tua desejada esposa.

— Ficarás no palacio, para dares as ordens para os banquetes e festas.

Assim Griselia ficou no palacio como creada.

Então o marquez mandou o secretario ao rei da Polonia com cartas escriptas de sua mão, buscar a filha. Passado pouco tempo chegavam ao palacio do marquez os seus dois filhos.

A propria Griselia ficou encantada com a formosura da *noiva*. Então, no meio de um grande banquete, disse o marquez para Griselia:

— Que vos parece a minha noiva?

— Não creio que haja no mundo formosura igual!

O marquez, vendo como estas palavras eram ditas, voltou-se para Griselia e disse:

— Nobre e amada mulher, não creio que haja na terra homem tão feliz como eu! Esta que tu julgas que será minha mulher, é a nossa filha, e este o nosso filho. Perdoame os desgostos que te dei.

Griselia ouvindo isto ficou doida de alegria, abraçando e beijando os seus queridos filhos.

Foi para todos um dia de grande alegria, e assim viveram por muitos annos.»

E' assim, pouco mais ou menos o conto que era conhecido do povo, que, comparado com a *Grisélidis*, é muito differente, embora a lenda seja a mesma.

Fevereiro, 905.

JOÃO DÉRSTAL.

NOTICIARIO

DO PAIZ

Foi encarregado de organizar e dirigir a banda dos Bombeiros Voluntarios de Castello Branco o distincto professor sr. José Cifuenté d'Orieta Aguilar, que residia em Loulé e transferiu agora para Castello Branco a sua residencia.



Noticiando a partida definitiva para Hespanha de tres das nossas mais talentosas amadoras, as sympathicas irmãs Casais de la Rosa, que os frequentadores dos concertos da *Real Academia de Amadores* tantas vezes tem tido occasião de apreciar, reproduzimos n'estas columnas o retrato das jovens tocadoras, para quem nos não parece demasiada esta homenagem e a quem acompanhamos com os nossos melhores votos na viagem que emprehendem e na nova situação que vão crear pela sua transferencia para o paiz visinho.



Qualquer das tres irmãs se notabilisa pela profunda dedicação que consagra á musica e pela seriedade e devoção que tem posto no cultivo da nossa bella arte.

São todas tres alumnas queridas da *Real Academia de Amadores*, onde seguiram varios cursos com rara distincção, tomando parte constante na orchestra e apresentando-se bastas vezes como solistas.

Margarida Casais de la Rosa especialisou-se no piano, de que tem dois cursos, o da Academia em que teve por professor a Eugénio Costa e concluiu em julho de 1900 e o do Conservatorio, sendo leccionada por Alexandre Rey Colaço, como professor de aperfeiçoamento.

Dedicou-se tambem ao violino, completando sob a direcção de Andrés Goñi o curso da Academia em junho de 1901.

Sua irmã Eleuteria consagrou-se ao violoncello e ao piano, mostrando todavia pelo primeiro d'esses instrumentos a mais decidida predilecção. Foi seu professor, tanto no Conservatorio, como na Academia cujo curso concluiu em julho de 1902, o violoncellista João E. da Cunha e Silva. No piano foi ainda Eugénio Costa quem a leccionou.



Camilla Casais de la Rosa, a mais nova das tres irmãs, um verdadeiro temperamento d'artista a quem muitas vezes nos temos referido com o merecido elogio, tem-se principalmente dedicado á rebecca.

Privilegiada discipula de Andrés Goñi, acabou o curso geral ha quasi tres annos, devendo concluir este anno o curso superior.

Em 1903 tambem terminava na Academia o curso de piano, tendo por mestre a Eugénio Costa, como suas irmãs.



O concerto annual do distincto professor Rey Colaço terá logar em 18 do proximo mez de Março.



Com a assistencia do digno consul de Italia sr. conselheiro Brito e Cunha, realisou-se em 24 do corrente na egreja dos Congregados, do Porto, a missa de 7.º dia que os professores d'orchestra do theatro de S. João mandaram resar por alma do seu extincto

collega o saudoso violoncellista Joaquim Casella.

Foi muito concorrida a cerimonia, acham-se presentes muitos discipulos e amigos pessoas do desditoso artista.

No côro, um sexteto executou sob a direcção do maestro Nicolino Milano *A Morte de Ase*, de Grieg, e o entre-acto de *Rosamunde*, de Schubert.



Na proxima sexta feira 3 terá logar uma recita carnavalesca promovida pelos alumnos das artes musical e dramatica do Conservatorio.

Constará de uma especie de revista, cuja parte litteraria é composta pelos alumnos Freitas e Abreu, da arte dramatica, sendo a musica em parte original e em parte coordenada pelos alumnos Wenceslau Pinto e Fernandes Fão.

A recita começará á uma hora da tarde.



Cotinuam optimas as noticias da insigne violoncellista Guilhermina Suggia e unanimes os jornaes das cidades que tem percorrido em tecer-lhe os mais rasgados louvores.

Os ultimos periodicos e programmas que temos á vista referem-se aos concertos de Amsterdam, Bayreuth, Coburg, Karlsbad, Lwów, Vienna d'Austria, Lemberg e Varsovia, onde a nossa grande artista tem apresentado notaveis obras do repertorio de violoncello, taes como os *Concertos* de Dvorake Klengel, a *Romanze* de Svendsen, *Tarantella* de Piatti, *Cantabile* de Cesar Cui, *Serenade* de Herbert, *Vito* e *Spinnlied* de Popper e muitas outras peças, que são sempre acolhidas com grandes demonstrações de agrado.



Parte no proximo dia 2 para Braga, Valença, Santiago de Compostella e Coruña a *Tuna Academica de Coimbra*, sob a habil regencia de Th. Russell.



O quarteto de musica de camara que se organisou em Coimbra e de que já aqui falámos ha mezes, vae muito breve encetar as suas sessões com um concerto consagrado a Beethoven, sendo feita uma conferencia pelo distincto escriptor sr. N. Quim Martins.



O tenor Constantini, da companhia do Porto, offereceu á Escola de Cegos d'aquella cidade 200 bilhetes postaes com photogra-

phas suas nas diversas operas em que tem tomado parte e firmados pelo proprio punho, para serem vendidos a favor da mesma instituição.

Encontram-se á venda na administração da folha portuense *O Diario da Tarde*.



O maestro Andrés Goñi, cuja saude inspirou alguns cuidados aos seus amigos, que os tem entre nós numerosos e sinceros, achase felizmente de todo restabelecido.



Deve terminar em 20 do proximo março a assignatura ordinaria da temporada lyrica, seguindo-se como já dissemos as oito recitas extraordinarias, com que definitivamente se fecha a epoca.

Já não vem a Lisboa o maestro Perosi, como anteriormente annunciámos; parece que S. Santidade não consentiu que o seu *maestro da capella* se ausentasse do Vaticano, onde o prendem as suas elevadas funções artisticas.

O tenor Alvarez, por incompatibilidades de repertorio, tambem não tomará parte n'essa serie de recitas, mas, em compensação, a notavel meio soprano Jacchetti dará ao que se julga duas representações da Carmen.

O grande violinista Cesar Thomson virá dar, como dissemos, dois concertos, fazendo tambem parte d'essa assignatura extraordinaria as duas recitas de gala, pelos annos do Principe Real e pela visita do Imperador da Allemanha.

Esta ultima terá logar em 31 de março e será a *clotûre* da epoca.

DO ESTRANGEIRO

O *Figaro* abriu uma subscrição para se levantar um monumento a Benjamin Godard no parque Monceau, em Paris. Em poucas semanas a subscrição attingiu cifra superior a 10:000 francos!

Esta homenagem posthuma da estatua tomou já foros de mania, em França. Somos dos primeiros a admirar algumas das obras de Benjamin Godard e as suas qualidades de inspiração, originalidade e *verve*, mas toda a gente sabe que foi este um dos compositores que mais se deixou dominar pelo mercantilismo, a ponto de que uma boa parte da sua obra é não só inutil, mas até nociva e d'um gosto summamente contestavel.

Não terá a França mais celebridades, a quem levantar estatuas?



Annuncia-se a proxima publicação de doze minuettos ineditos de Beethoven, com a data de 1799.

Foram descobertos o anno passado na bibliotheca da cõrte de Vienna.



Organisou-se em Berlim uma commissão composta do conde Hochberg e dos artistas Joseph Joachim, Siegfried Ochs e Georges Schumann para iniciar um grande Festival Haendel em abril de 1906.



Hans Richter dará este anno no Covent Garden, de Londres, duas execuções integraes do *Annel do Niebelung*.

O primeiro cyclo terá logar até 6 de maio e o segundo até 15 do mesmo mez.



Em maio proximo e por iniciativa de Gabriel Astruc haverá em Paris um admiravel festival beethoveniano, que durará quatro dias e comprehenderá a audição integral das nove symphonias, do concerto de rebecca e do concerto de piano em sol maior.

Conta-se com o concurso do celebre director d'orchestra Weingartner e da Associação dos Concertos Colonne.



Na sala Bechstein, de Londres, dará o *Quarteto Joachim* seis magnificos concertos de musica de camara, marcados para o mez de maio, entre 8 e 19.



Maria Gay, a cantora de concertos universalmente conhecida e Pablo Casals, o notavel violoncellista hespanhol que já por vezes tem visitado o nosso paiz, terminaram agora uma longa *tournee* em Hespanha, Inglaterra, Escocia, Allemanha, Austria, Hungria e Russia.

N'este ultimo paiz, o illustre compositor Rimsky-Korsakow, encantado com a voz e com o temperamento de Maria Gay, prometteu escrever para ella um poema, que será executado no proximo inverno, em Bruxellas.



Deve realisar-se brevemente em Monte Carlo a primeira representação da nova opera de Mascagni *Amica*. Parece que o auctor tenciona em seguida apresental-a no theatro Costanzi de Roma.

NECROLOGIA

Em 17 do corrente soffreu o maestro Alfredo Keil a dolorosissima perda de sua extremosa mãe, a Sr.^a D. Maria Josephina Keil.

Ao artista a quem por tantos titulos veneramos e estimamos, e a toda a sua illustre familia, enviamos a expressão da nossa profunda magua.



Succumbiu em 18 o violoncellista Joaquim Casella, artista italiano de ha muito domiciliado no Porto.

A sua biographia completa vem descripta em uma carta que o sr. A. de Faria dirigiu ao director do *Primeiro de Janeiro*, carta que a ambos pedimos venia para transcrever.

Sr.

Peço licença para lhe offerecer alguns apontamentos para a biographia do extinto violoncellista Casella, fornecidos por elle proprio para um livro que o professor Car-



JOAQUIM CASELLA

los de Mello, da Sociedade de Geographia de Lisboa, estava preparando sobre musicos e especialmente sobre violoncellistas. Ei-los:

Joaquim Casella, cavalleiro da Ordem de Carlos 3.^o de Hespanha e agraciado com o habito de Christo, de Portugal, nasceu em Genova, na Italia, no anno de 1832.

Por unico professor de musica teve seu pae Pietro Casella, 1.^o violoncellista da capella real de Turim, do rei Carlos Alberto. Em rapazito fizeram-no alistar n'uma banda

militar, no exercito d'este monarca como tocador d'um instrumento de metal. Pouco tempo fez parte d'ella.

Debutou em Turim no anno de 1850 executando no concerto que então deu, a 1.^a Elegia de seu irmão Cesar Casella. Resolvendo dar uma serie de concertos pela Europa apresentou-se em Genova, Florença, e algumas outras cidades de Italia obtendo grande successo.

Escrepturado em 1854 para o Theatro Principal de Barcelona, na qualidade de 1.^o violoncellista ali se conservou durante dois annos dando n'este espaço de tempo varios concertos que foram muito applaudidos.

De Barcelona seguiu para Madrid onde lhe offereceram um lugar na orchestra do Theatro Real, como 1.^o violoncellista, onde se conservou durante 15 annos.

Resolvendo dar alguns concertos em Portugal veio ao Porto em 1872. Magnificamente recebido não tardou em acceitar um lugar na orchestra do Theatro de S. João. Em 1880 fez-se ouvir pelo publico lisboense, com agrado.

Alguns annos mais tarde, tendo-se fechado o Theatro de S. João por não ter quem se arriscasse a formar empreza lirica, decidiu-se a fazer uma «tournée» artistica pelas ilhas dos Açores, Ponta Delgada, Terceira, Fayal e Madeira, d'onde seguiu para as Canárias. D'ahi regressou a Lisboa, onde, ao tempo, seu irmão Cesar dirigia o ensino musical de violoncello a el-rei D. Luiz I.

Continuando fechado o Theatro de S. João partiu para Genova dando concertos e lições durante 1 anno, passado o qual fixou residência em Turim, onde permaneceu 3 annos.

Fundada a empreza Gama para a exploração do nosso theatro lirico foi chamado por Ciriaco de Cardoso para tomar conta do seu antigo lugar. Desde então nunca mais saiu do Porto.

Durante a estada em Madrid fez parte de uma sociedade de musica de camara, a que pertenciam Monasterio 1.^o violino, Perez 2.^o, Guelbenzu pianista, e Lestampló violeta. Quando aqui se fundou a Sociedade de Musica de camara com Marques Pinto, Nicolau Ribas, Miguel Angelo e Moreira de Sá, desde logo se lhe aggregou tomando parte em todos os concertos que a mesma deu.

Como professor ensinou sempre particularmente, posto que fosse nomeado professor do Conservatorio de Madrid, por decreto firmado por Orosia, ministro do fomento, lugar de que nunca chegou a tomar conta em consequencia das luctas politicas que então agitaram a Hespanha, e em que Prim tomou parte, levando o governo a ordenar

o encerramento do Conservatorio de Musica e da capella Real.

Em Madrid teve por principaes discipulos o duque de Vivona e o marquez de Martorel que tomaram parte em alguns dos seus concertos.

No Porto teve por discipulos os srs. Visconde de Villar Allen, Arnaldo Guimarães, João Miranda, Cunha Porto, Raul Peres e outros que nunca se apresentaram em publico e entre os quaes se distinguem os srs. Jorge Gonçalves de Lima, José Magalhães e outros.

Subscrevo-me com muita consideração.

De v., etc.—*A. Faria.*

Era uma das figuras portuenses mais originaes, quasi sempre de chapéu branco e indifferente a tudo quanto o rodeava.

Teve ha annos a fraquesa de pintar os cabellos e o bigode, mas a estravagancia durou pouco e alguns dias depois, appareceu outra vez, todo branco, da côr do inseparavel chapéu.

Parece que Casella tinha apenas um sobrinho, que foi tambem violoncellista e distincto, mas que teve de interromper a carreira por ter sido victima de um ataque de alienação mental.



Falleceu em 24 o menino Carlos Zenoglio filho do fallecido professor Ernesto Zenoglio.

A sua familia as nossas condolencias pela nova perda que acabam de soffrer.



Fallecimentos no estrangeiro

Alfred Dörffel, auctor da «Historia de Concertos do Gewandhaus» e t' aductor do «Tratado de instrumentação» de Berlioz, fall. com 84 annos.—*Eugène de Solenieres*, conhecido critico musical francez, fall. em Paris—*Eduard Schmidt*, violinista da Capella Real da Prussia, fall. em Cassel com 55 annos—*Belle Cole*, antiga contralto que teve uma larga hora de celebridade, fall. em Londres—o barytono *Frank Celli* fall. no hospital de Charing Cross da mesma cidade—*Lardin de Musset*, irmã de Alfred de Musset, discipula de Liszt e figadal inimiga de George Sand, fall. com 85 annos em Paris—*Giuditta Ronzi Checchi*, notavel artista lyrica florentina, fall. em Piacenza—*Céline Litvinne*, irmã de Félia Litvinne e de mademoiselle de Reszké, fall. em Bruxellas.